UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS

O MOVIMENTO DEKASSEGUI: A MIGRAÇÃO PARA O LUGAR DASOPORTUNIDADES

CALEB IDO DE ABREU

JUIZ DE FORA

2019

CALEB IDO DE ABREU

O MOVIMENTO DEKASSEGUI: A IMIGRAÇÃO PARA O LUGAR DAS OPORTUNIDADES

Monografia apresentada ao Departamento de Geociências da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, como pré-requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lucia Pires.

JUIZ DE FORA

2019

CALEB IDO DE ABREU

O MOVIMENTO DEKASSEGUI: A MIGRAÇÃO PARA O LUGAR DAS OPORTUNIDADES

Monografia apresentada ao Departamento de Geociências da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, como pré-requisito para a obtenção do grau de Bacharel. Submetida a seguinte banca examinadora:

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof.ª. Dra. Maria Lúcia Pires Menezes (Orientadora)

Departamento de Geociências – UFJF

_____

Prof.ª. Dr. Vicente Santos Paulo Pinto

Departamento de Geociências – UFJF

_____

Professor Luiz Fernando Soares de Castro

Departamento de Geociências – UFJF

Conceito obtido: _____

Aprovado em: _____ de _____ de 2019.

Dedico à minha família pelo apoio e incentivo à minha formação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço principalmente a minha mãe que esteve ao meu lado em todos os momentos que precisei de seu apoio;

Agradeço aos meus irmãos que sempre me incentivaram na escolha do meu curso e minhas ideias;

A minha avó, que sempre deu força para fazer uma graduação e sempre estudar bastante;

Ao meu pai, que mesmo ausente sempre estimulou a curiosidade pela história e pelos livros;

A minha namorada que sempre me deu apoio nos momentos que precisei;

A professora Maria Lúcia pela atenção e disponibilidade e os professores Vicente e Luiz Fernando pela disponibilidade também;

E aos meus amigos que sempre meu ouviram, e me ajudaram em minha trajetória;

RESUMO

As migrações acontecem desde os primórdios da humanidade, muitas das vezes estão ligadas a necessidade da melhoria das condições financeiras e sociais. O movimento de brasileiros descendentes de japoneses para o Japão é um dos mais importantes no cenário de migrações internacionais.Esta monografia está pautada na discussão sobre a gênese deste movimento de brasileiros, que são denominados de *Dekasseguis*, mostrando porque o Japão é considerado o lugar das oportunidades por*ex-dekasseguis* na década de 90,que fazem parte da Associação Cultural Nikkei no município Varginha, sul de Minas Gerais. Onde o lugar de origem é visto como "lugar das importunidades", já o lugar de destino por parte desses imigrantes é tratado como "lugar das oportunidades". Utilizando-se de análise bibliográfica e pesquisa de campo, pode-se notar que o movimento está totalmente atrelado a questões econômicas, culturais e políticas, mostrando que no período recessão econômica da década de 1990, esse fluxo teve um aumento considerável.

Palavra-chave: Migração internacional; Dekassegui; Lugar; Varginha; Associação Cultural Nikkei;

ABSTRACT

Migrations have occurred since the dawn of humanity, often linked to the need to improve financial and social conditions. The movement of Brazilian descendants from Japanese to Japan is one of the most important in the scenario of international migrations. This monograph is based on the discussion about the genesis of this movement of Brazilians, who are calledDekasseguis, showing why Japan is considered the place of opportunity by ex-dekasseguis in the 90s, who are part of the Nikkei Cultural Association in Varginha, south of Minas Gerais. Where the place of origin is seen as a place of importunity, the place of destination of these immigrants is treated as a place of opportunity. Using bibliographical analysis and field research, it can be noted that the movement is fully linked to economic, cultural and political issues, showing that in the economic recession period of the 1990s, this flow had a considerable increase.

Keyboards: International migration; Dekassegui; Place;Varginha;Nikkei Cultural Association

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBC – Companhia Brasileira de Caldeiras

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ACNV – Associação Cultural Nikkei de Varginha

DNIC - Departamento Nacional de Imigração e Colonização

LAFARGE - Empresa Multinacional de Cimentos Francesa

OECD - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

IGP/FGV - Índice de preços/Fundação Getúlio Vargas

ITAMARATY – Ministério das Relações exteriores do Brasil

MITI – Ministério da Indústria e Comércio Exterior

LISTA DE TABELAS, GRÁFICOS E MAPAS

Tabela 1Ciclos do fenômeno *Dekassegui* 17

Tabela 2População da América Latina documentada no Japão (1985-2004) 21

Tabela 3Taxa anual de inflação (1970 - 1989) 22

Gráfico 1 Produto Interno Bruto - Taxa de Variação real no ano - (1975-1988) 22

Tabela 4Evolução da População Brasileira no Japão (1985-2010) 24

Gráfico 2Taxa de desemprego aberto de 1990 a 1994 25

Mapa 1 Número de brasileiros por província 31

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....11

1 A RELAÇÃO LUGAR E OPORTUNIDADE 14

1.O conceito de lugar.....14

1.2 O lugar enquanto oportunidade.....15

2 MOVIMENTO DEKASSEGUI 16

2.1 Breve histórico do movimento *Dekassegui*.....16

2.2 Contexto econômico de Brasil e Japão.....18

3 DEKASSEGUIS DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL NIKKEI 28

3.1 Breve Histórico da Associação Cultural Nikkeide Varginha 28

3.2 Relatos dos *Dekasseguis* Associados 29

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....33

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....35

ANEXO.....36

INTRODUÇÃO

A migração é um processo antigo que vem desde início da humanidade, onde existe a intenção de deslocar de seu país ou estado. Um fenômeno movido pela vontade humana de buscar novas experiências com outras culturas, culinárias e relações econômicas. É um assunto que desperta interesse por parte de pesquisadores, inclusive, pelos próprios chefes de estado. Onde um depende do outro, pois, para se ter noção da entrada e saída de migrantes, é necessário que seja produzido estudos sobre o perfil dos mesmos.

As ações de determinados países vão se moldando a partir desses dados obtidos. A migração é o resultado de decisões individuais ou familiares, mas também faz parte de um processo social. Em termos econômicos, a migração é tanto um fenômeno mundial como o comércio de mercadorias ou de bens manufaturados. Designa o movimento das populações, mas faz parte de um modelo mais vasto e é um sinal de relações econômicas, sociais e culturais em transformação. (RUIVO, 2006, p.3)

O fenômeno é extremamente importante para se explicar as migrações internacionais, pois, existem diversas razões para os migrantes saírem de seus países, como: governos ineficientes, perseguições políticas, guerras civis, altas taxas de desemprego, desigualdade de renda, violação aos direitos humanos, catástrofes naturais, busca por crescimento acadêmico e excesso populacional.

Nesta perspectiva, insere-se o contexto das migrações entre Brasil e Japão, especificamente o movimento *Dekassegui*. Que teve seu início em meados da década 1980 e 1990. Onde diversos fatores, principalmente, econômicos fizeram com que estes descendentes de japoneses saíssem do Brasil a procura de emprego no Japão.

Com relação à situação de cada país, é necessário dar uma contextualização econômica de Brasil e Japão em meados da década 80 e início dos anos 90, que deu início a imigração desses descendentes para o Japão. Discorrendo sobre o Japão, o crescimento econômico japonês atingiu seu ápice na época da "Economia de Bolha", num período de prosperidade econômica que durou de 1986 a 1991, resultando em especulações de ações, de imóveis e de abundância de ofertas de emprego. (*KOJIMA*, 2009, p.76). O que atraiu muitos brasileiros para o país, e também, outros estrangeiros do sudeste asiático neste período de prosperidade.

Já no caso do Brasil, na década de 90, havia uma forte motivação por causa de instabilidade política e econômica. Os anos 1990 foram muito complicados para a população brasileira, principalmente

para classe média, a qual fez parte do movimento *dekassegui*. Onde a mesma teve suas contas bloqueadas pelo plano Collor. Que justificou tal medida para fazer um ajuste fiscal, visando conter uma hiperinflação herdada da década passada. Causando uma incerteza em relação ao futuro desses brasileiros, que se viram rendidos diante de tal medida. Esta medida foi o fator principal de repulsão desses descendentes para o Japão, onde buscaram uma manutenção de seu status social.

Assim, fica claro que o processo de migração entre Brasil e Japão possui diversas motivações. Dando a entender que o imigrantebrasileiro, buscava uma melhoria de vida. Outro fator que também se liga aos processos migratórios é a perspectiva do migrante em relação ao lugar.Que dentro das ciências geográficas possui uma ligação com as dinâmicas espaciais. É no lugar que os indivíduos ao longo do tempo, estabelecem suas relações sócio espaciais e com isso produzem identidades (BOMTEMPO; SPOSITO, 2010, p.59).

Dando prosseguimento ao conceito de lugar, é necessário salientar que sua definição sofreu transformações ao longo do tempo. Sendo discutido de forma mais significativa, por duas correntes, a humanista e crítica, a partir da década de 1970. Sobre as duas vertentes de pensamento, ambas possuem teoria metodológicas distintas, onde a primeira visa o lugar como “experiência vivida”, e já a segunda enxerga o lugar no “mundo global”.

A experiência vivida tratada na corrente humanista está ligada ao cotidiano, os simbolismos e pelo apego do local, pois busca compreender os sentimentos espaciais a partir dessas premissas. É onde o sujeito compreende os aspectos do lugar, de acordo com sua vivência. O lugar é então, na corrente humanista, uma categoria geradora de significados em constante relação com o espaço abstrato. (RODRIGUES, 2015, .5041)

O lugar nomundo global dito pela corrente crítica surge de uma crítica em relação às ideias humanistas. Pois veem, a ideia das experiências vividas de forma muito restrita. *Massey*e *Harvey* consideram o lugar, na visão humanista, um “local de nostalgia”, limitado e entendido como eterno. Para eles, o lugar humanista é excludente, pois demonstra uma visão provinciana sobre o conceito. (RELPH, 2012, p.21)

Os autores dessa corrente propõem uma ideia universal, onde o lugar estabelece interações de redes sociais, econômicas e políticas globais. No qual os lugares têm uma forte ligação com o macroprocesso econômico, visando o contexto planetário como primordial no entendimento dos lugares.

O município de Varginha, situado no sul de Minas Gerais possui 123.081 habitantes (IBGE, 2010). Onde está situada a Associação Cultural Nikkei (ACNV), que foi criada oficialmente em 2014, a partir de uma reunião de amigos. Tendo como principal objetivo aproximar e resgatar a cultura japonesa que a cidade havia experimentado com a Companhia Brasileira de Caldeiras (CBC), e passar para as novas gerações mantendo as tradições existentes de confraternizações, festas comemorativas e eventos culturais.

Atualmente a ACNV possui aproximadamente 77 famílias associadas, que juntas somam 269 pessoas entre brasileiros descendentes e natos que tem afinidade com a cultura japonesa. É uma associação aberta, não exclusiva. Sendo assim, os ex-dekasseguis entrevistados fazem parte desta comunidade e são membros ativos, participando da organização dos eventos e promoção da associação. O primeiro entrevistado é filho de um pai japonês e mãe descendente de alemãos, já a segunda entrevistada é filha de mãe e pai japoneses. Ambos foram para o Japão em meados da década 1990, onde classificavam a ida como uma oportunidade.

Diante de tudo que foi dito anteriormente, quero dar ênfase a palavra oportunidade e importunidade. A palavra oportunidade, segundo o dicionário Aurélio, significa "Circunstância favorável para que alguma coisa aconteça". A palavra importunidade, segundo o dicionário Aurélio, é "qualidade ou atitude de importuno; inconveniência, intempestividade". Com essas definições, aliada as falas dos entrevistados, é onde classifico o lugar das oportunidades e o lugar das importunidades. Sendo este lugar onde haverá empregos, dinamização econômica e conhecimento cultural. O lugar das importunidades será aquele local com desemprego, bloqueio de liquidez e instabilidade econômica e social.

Pretende-se analisar gênese do movimento *Dekassegui*, mostrando porque o Japão é considerado o lugar das oportunidades pelos *ex-dekassegui*s da Associação Cultural Nikkei de Varginha.O presente estudo está pautado por três justificativas, que são: cultural, econômica e autobirgráfica. A primeira se explica pelo motivo de haver uma presença de descendentes de japoneses em Varginha, no Sul de Minas Gerias. Onde existe uma associação de imigrantes e descendentes que se estabeleceram na cidade e que promovem eventos culturais ligados ao calendário japonês.

A segunda é para mostrar qual a relação dos movimentos migratórios, especificamente dos Dekasseguis com o lugar das oportunidades, que neste caso possui uma importância financeira. Busca-se também mostrar as causas da saída desses descendentes para o Japão, associando com o contexto econômico de cada país.

A terceira está ligada à minha história, pois, sou adotado e na minha família possui a experiência dos que vieram para o brasil no século XX, no caso minha avó (*batchan*), e meu irmão mais velho, que foi para o Japão e permaneceu por 5 anos no país. Com isso, decidi retratar sobre a experiências desses imigrantes descendentes de japoneses que vão para o Japão a procura de uma melhoria de vida, enfrentando jornadas de trabalho extremamente exaustivas.

Esta monografia está pautada na discussão sobre a gênese do movimento *Dekassegui*, mostrando porque o Japão é considerado o lugar das oportunidades pelos *ex-dekassegui*s da Associação Cultural Nikkei de Varginha. Onde o lugar de origem é visto como "lugar das importunidades", já o lugar de destino por parte desses imigrantes é tratado como "lugar das oportunidades".

No primeiro capítuloédiscutido o conceito de lugar dentro da perspectiva geográfica humanista e crítica. Sendo discutidos quais os fatores que levam aquele lugar escolhido pelo movimento migratório a se tornar o lugar das oportunidades e o local de origem se tornar o lugar das importunidades.

No segundo capítulo é tratado o movimento *dekassegui* dentro de diversas questões, as quais são: histórico do movimento e contexto de Brasil e Japão. Fazendo comparativos entre os dois países no mesmo período, através de revisão bibliográfica, gráficos e tabelas. Dando uma dimensão sobre o que foi este fluxo de descendentes para o Japão os meados da década de 1980 e 1990.

No terceiro capítulo são expostos os relatos dos entrevistados da associação cultural e um breve histórico da mesma. Dentro dos relatos são tratados aspectos econômicos, sociais, culturais e de identidade.Mostrando quais foram os problemas enfrentados por estes descendentes em sua ida ao Japão, como se encontram atualmente e como enxergam este lugar das oportunidades.

Metodologicamente este estudo prioriza a pesquisa bibliográfica e de campo acerca dos estudos, dados e relatos que versam sobre a temática do movimento *Dekassegui*.Onde busca compreender o lugar das oportunidades dito pelos entrevistados que fazem parte da Associação Cultural Nikkei de Varginha.

Para análise do conceito de lugar foram feitas pesquisas bibliográficas sobre o tema. Na análise do movimento migratório dos Dekasseguis foram feitas pesquisas bibliográficas e quantitativas. As entrevistas foram feitas através de audições seguidas de transcrições sobre o que foi dito nas conversas com os descendentes associados.

Com relação ao contexto econômico de Brasil e Japão, foram obtidos dados estatísticos do Jornal Nippo, dados do senso demográfico da população brasileira no Japão - IBGE, Ministério da Justiça

e Departamento Imigração e Ministério da Justiça do Japão e site oficial da Companhia Brasileira de Caldeiras.

1. A RELAÇÃO LUGAR E OPORTUNIDADE

1.1 O Conceito de Lugar

Os lugares possuem diversos significados sejam eles histórico, econômico e individual.Onde o mesmo possui um valor simbólico e material que é construído através das relações cotidianas e memórias vividas. Diante disso para melhor entender o lugar enquanto oportunidade é necessário explicar primeiramente o que é o lugar de fato. De acordo com uma análise feita por *Carlos* (2007, p.17),

> [...]O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente a produção da vida. "No lugar emerge a vida, pois é aí que se dá a unidade da vida social.

Assim o lugar dispõe da capacidade de viver, relacionar, trabalhar, o lazer a partir de acontecimentos vivenciados, que a nível do cotidiano permitem ao mesmo entender as questões do mundo atual. É fruto de uma relação corporal, sensível e rotineira, onde as pessoas e o meio vão dialogando entre si.

Com isso, o lugar se torna alvo de diversos acontecimentos em vários aspectos. Onde em um mesmo local podemos ter condições para o desenvolvimento humano, econômico, científico, cultural e ao mesmo tempo, podemos encontrar lugares onde todos esses progressos ainda não chegaram, dando aquele lugar uma condição desigual em relação aos outros.

Enquanto um lugar vem a ser condição de sua pobreza, outro lugar poderia, no mesmo momento histórico, facilitar o acesso aos bens e serviços que lhes são teoricamente devidos, mas que, de fato lhe faltam" (BOMTEMPO & SPOSITO, 2010.p, 61).

O lugar enquanto uma relação com o cotidiano e suas diferenças perante as condições globais e suas particularidades, é que buscaremos analisar sobre o movimento migratório dos *Dekasseguis*.

O movimento migratório por parte dos Dekasseguis se iniciou em meados da década de 1980, onde o Brasil passava por crises, e o lugar de destino, o Japão, seria o lugar de residência e trabalho. O qual daria condições para que os mesmos pudessem realizar seus desejos, como montar o próprio negócio, comprar uma casa e melhorar sua situação naquele momento.

Na maioria das vezes os indivíduos se tornam migrantes, pois no lugar de sua origem residencial, as possibilidades de sobrevivência ou manutenção do status econômico e social configuram-se de maneira escassa. Desse modo, verificamos a existência de inúmeros movimentos migratórios, que ocorrem de maneira multi e inter-escalar e que resultam em (re) definições de relações sociais e paisagens – tanto nos lugares de imigração como nos lugres de origem dos migrantes (BOMTEMPO & SPOSITO, 2010, p.61)

1.2 O lugar enquanto oportunidade

Diante disso, quero dar ênfase na palavra "oportunidade", que foi relatada pelos entrevistados. Onde as motivações para que eles se deslocassem do Brasil eram sempre vistas como "oportunidade para conquistar algo e aproximar-se da cultura japonesa", onde ambos queriam não só trabalhar e conquistar seu dinheiro, mas também terem um contato com a cultural local, devido a uma herança familiar.

Par dar início a discussão, precisamos fazer o seguinte questionamento, o que torna um lugar diferente do outro? O que é esse lugar das oportunidades? Bem, o lugar enquanto formador de uma memória coletiva e histórica, também possui suas desigualdades em comparação a demais locais.

Devido a fatores como: competitividade, divisão espacial e social do trabalho, revoluções tecnológicas, processo produtivo e fluxo de capitais. Que juntos transformam o espaço, gerando fluxos de informação, mercadorias, que reconfiguram a distribuição espacial de determinado local.

O que diferencia os lugares, do ponto de vista da sua competitividade no espaço regional e nacional é sua capacidade de concentrar infraestrutura necessária ao desenvolvimento do processo de reprodução. Nesse sentido e só nesse contexto se pode falar que o lugar regula o intercâmbio, o crédito, centraliza o capital assim como a concorrência entre capitalistas pelas condições mais favoráveis de infraestrutura, crédito, mão-de-obra. Além do que o lugar também concentra as condições de reprodução da força de trabalho, da vida cultural dos meios de vigilância, administração e a repressão. Esses produzem o espaço porque os atores sociais aí se concentram e os capitais aí se centralizam juntamente com o poder. (CARLOS, 2007, p.29)

Com o que foi dito anteriormente proponho colocar duas características aos lugares tratado nesta pesquisa, sendo o “lugar das oportunidades” e o “lugar das importunidades”. Onde o lugar das “oportunidades” varia de acordo com o contexto econômico político local e global, havendo uma dinamização econômica, concentração de capitais, desenvolvimento de tecnologias e necessidade de mão de obra.Já o lugar das “importunidades” está ligado a: baixa concentração de tecnologias, superinflação, crises econômicas, escassez de ofertas de emprego e desigualdades sociais.

Diante dessas diferenças entre os lugares, é notável tambéma presença da globalização como influenciadora nos movimentos migratórios internacionais, inclusive dos *dekasseguis*. Sendo um dos fatores para que os fluxos aumentassem e pudessem se concretizar de formas mais rápida e efetiva. Segundo (BOMTEMPO & SPOSITO (2006),

> [...] nas últimas décadas do século XX e no limiar do século XXI, vivenciamos intensas transformações do ponto de vista social, cultural, econômico, político e espacial que são características do período da globalização econômica e cultural. Essas transformações interferiram nos ritmos, na velocidade, na ampliação dos desejos, na transmissão de informações, na mobilidade do capital e das pessoas.

Então, o Japão é considerado este lugar das “oportunidades” segundo os entrevistados pois na década de 80 e 90 teve um grande fluxo desses descendentes devido a uma escassez de mão de obra não qualificada. Já o Brasil, é colocado como o lugar das “importunidades”, pois, estava enfrentando problemas ligados a hiperinflação na década de 80, até que em meados da década 90 ocorre o “bloqueio de liquidez”, medida feito pelo plano Collor. Fazendo com que boa parte desses brasileiros migrassem para o Japão.

2. MOVIMENTO DEKASSEGUI

2.1 Gênese do Movimento *Dekassegui*

O movimento *Dekassegui* teve seu destaque a partir dos anos 1980, com um grande fluxo de descendentes de japoneses, conhecidos como *isseis e nissei*[1]para o Japão. Sendo que não eram exclusivamente oriundos do Brasil, mas sim de toda a América Latina. Onde muitos buscavam uma melhoria em suas condições de vida, manutenção do status social, conhecimento da língua e cultura.

Para entendermos o movimento e fenômeno *Dekassegui*, é necessário entender primeiramente o significado do termo. Para isso vamos colocar algumas definições para que tenhamos um melhor entendimento. Segundo *Kojima*(2009, p.75),"Atualmente o fenômeno decasségui significa a corrente de trabalhadores estrangeiros, na sua maioria descendentes de imigrantes japoneses na América Latina, partindo para o Japão". Porém, no Japão antigo esse termo possui um significado semelhante.

A palavra japonesa *Dekassegui* significa trabalhar fora de casa. No Japão, referia-se aos trabalhadores que saíam temporariamente de suas regiões de origem e iam em direção a outras mais desenvolvidas, sobretudo aqueles provenientes do norte e nordeste do Japão, durante o rigoroso inverno que interrompiam suas produções agrícolas no campo. (SASAKI, 2000, p.6)

Com isso, a definição deste termo acabou sendo aplicada para os descendentes de japoneses que saíram da América Latina e foram a procura de emprego no Japão. Dando a entender que são trabalhadores que tem sua estadia provisória, e assim que obtivessem determinado dinheiro, voltariam a sua terra natal.

O trabalho exercido pelos *dekasseguis*, muitas das vezes não são bem vistos aos olhos da comunidade nipo-brasileira. São julgados como duros, sujos, perigosos, exigente e detestável, formando assim os 5k's [2] pelas palavras japonesas. Desta forma, *Rossini* (2010), " são 5 os casos que definem o trabalho dos *Nikkeis* do Brasil no Japão: *Kitsui* (duro, pesado); *Kitanai* (sujo); *Kiken* (perigoso); *Kibishu* (exigente); *Kirai* (detestável).

---

[1] *Issei* – Palavra japonesa que corresponde à primeira geração de japoneses residentes fora do Japão, *nissei* corresponde à segunda geração de descendentes de japoneses fora do Japão.

[2] 5k's – Os trabalhos exercidos pelos *dekasseguis* não são bem vistos por parte da comunidade nipo-brasileira. Que acabam colocando denominações sobre o labor desses migrantes, devido aos tipos de cargo que eles exercem no Japão.

Fica claro que os *Dekasseguis* são trabalhadores advindos de lugares onde não existem condições para a manutenção de suas rendas. Fazendo com que os mesmos se desloquem para lugares onde há um maior desenvolvimento econômico, que seja possível concretizar suas aspirações. Com dito anteriormente, a imigração descendentes de japoneses para o Japão se deu em meados da década de 80, e isso estava relacionada a diversas crises econômicas e políticas que a América Latina vinha sofrendo.

Sobre o início do movimento, a migração da população decasségui em direção ao Japão começou em 1984, época em que a América Latina passava por uma crise, chegando a ser considerada como a década perdida. O povo brasileiro andava descontente com o andamento político e econômico, e a classe média brasileira em geral viu seu poder de compra diminuir à custa da inflação e desvalorização da moeda. Parte da população nipo-brasileira situada nessa classe média, sentindo a perda na posição econômica e social, viu no Japão uma alternativa para contornar a crise brasileira, assim como outros grupos brasileiros que se interessaram pela migração para os Estados Unidos e Europa (KONIGAME, 2011, p.112).

Diante dessas circunstâncias vividas na porção sul da américa, os descendentes começaram a inverter o fluxo migratório de Brasil e Japão, que antes era protagonizado pelos seus ancestrais no início do século com XX com problemas ligados a superpopulação, crises econômicas e estruturais. Nessa época foi o Japão que passava por um crescimento econômico e necessitava de mão de obra para atender as demandas do mercado internacional e ser mais competitivo. Já o Brasil que antes estava importando mão de obra devido à expansão cafeeira, nesse período estava exportando mão de obra para países que estavam em expansão, como o Japão e Estados Unidos.

O movimento dos *Dekasseguis* pode ser dividido em três ciclos, em perídos de 15 anos. Sendo o primeiro de (1985-2000), já o segundo de (2000-2015) e o último ciclo que estava vivendo atualmente, que terminaria em 2030. De acordo com a Tabela 1, é demonstrado essas características do movimento nesses períodos que os descendentes vão para o Japão e se estabelecem no país.

Tabela 1 – Ciclos do fenômeno *Dekassegui*[3]

1º Ciclo (1985-2000)	2º Ciclo (2000-2015)	3º Ciclo (2015-2030)
Os países receptor e emissor beneficiam-se, pois os *dekasseguis* são a solução dos problemas que ambos enfrentam. No Japão havia carência de trabalhadores sem qualificação e o Brasil vivia problemas econômicos.	Com as adaptações aos usos e costumes do meio, os imigrantes começam a consumir e investir, beneficiando mais o país receptor e penalizando o país de origem, diminuindo suas remessas.	Com a opção de permanência definitiva, o país receptor terá que arcar com o ônus de aposentadoria e assistência ao idoso.

Fonte: Jornal Nippo-Brasil, 11 a 17 de janeiro de 2006. Elaboração própria.

Assim, esse movimento possui características muito específicas, o qual visava atender uma escassez de mão de obra não qualificada, e era composto em sua maioria por uma classe média que viu na década de 80 seu poder de compra se reduzir. Com isso, viram no Japão uma forma de sanarem essas lacunas financeiras que estavam enfrentando no Brasil, dando início ao fluxo de brasileiros para o Japão.

2.2 Contexto econômico de Brasil e Japão

Dando início a contextualização econômica da cada país como ponto de partida, é necessário entender qual era a situação dessas nações em cada década. Então, para fins didáticos, será feito uma abordagem de meados da década 80 e início de 90 no caso do Japão. Já no Brasil será final dos anos 90, para mostrar as condições em que cada país estava neste recorte temporal.

- **Japão em 1990**

Transformação nas relações de trabalho

O molde de trabalho que fez com que o Japão se tornasse uma potência, era feito a partir de boas relações entre empresa-trabalhador, dando uma maior flexibilidade salarial, segurança no emprego e cooperação entre ambas a partes. Dava a opção de operários participarem do processo administrativo da empresa em qual estava, e também nos resultados financeiros.

---

[3]Tabela retirada do trabalho de Maria Julia Konigame (2011)

No período de 1950 a 1980 a economia japonesa estava com ótimo desempenho, que teve forte influência no mercado e relações de trabalho. Ao final da Segunda Guerra Mundial, o Japão iniciou uma linha de pensamento de política externa que o guiou por mais de 50 anos, sendo pautada principalmente no crescimento econômico. A parceria com os EUA era o principal pilar dessa política, confiando a eles a segurança do arquipélago durante a Guerra Fria, o que permitiu ao Japão dedicar todos os seus recursos para o desenvolvimento econômico, sem se preocupar com sua segurança e a do mundo [WATANABE, 200-?]

Porém, na década de 90 o Japão passou por duas situações que o forçaram a remodelar suas formas de trabalho, que foram a crise e a internacionalização de economia. Causando a mudança de determinados setores de grandes empresas para outros países, modificações nas organizações das empresas dentre outros aspectos.

Assim, a internacionalização e a crise agiram como catalizadoras para mudanças nas relações de trabalho. Um marco foi a legalização parcial do trabalho não regular, em 1986. Em um primeiro momento, essa medida teve pouca influência, pois as empresas optaram por métodos tradicionais para reduzir custos, incluindo moderação salarial. No entanto, o aprofundamento das dificuldades levou à intensificação do uso do trabalhador não regular.

Ao final dos anos 1990, nova mudança na regulação lançou as bases para a maior liberalização do trabalho temporário. Foi aprovada uma lei que deu aos empregadores maior flexibilidade para definir o contrato de trabalho, incluindo as cláusulas relativas à remuneração e à demissão dos trabalhadores (OLIVEIRA et al 2016, p.16)

A partir desse cenário, acaba ocorrendo uma precarização das condições de trabalho no Japão, gerando uma “hibridização” desse mercado, onde haviam trabalhadores japoneses que possuíam uma proteção e estrangeiros com mínima proteção, direitos em seu serviço.

O melhor é caracterizar o sistema japonês como híbrido, marcado pela combinação entre medidas de flexibilização e a manutenção das práticas tradicionais. Outras práticas vêm surgindo, incluindo o aumento das contratações de profissionais em meio de carreira e do pagamento por desempenho, medidas que enfraquecem as práticas de promoção interna. Assim, o emprego no Japão vem se tornando mais diversificado, que tende por sua vez enfraquecer os sindicatos. (OLIVEIRA et al 2016, p.17)

Essas transformações fizeram parte de uma mudança e adaptação da economia japonesa. Visando uma absorção de uma mão de obra estrangeira a custo de uma flexibilização nas contratações por parte das empresas japonesas em busca de uma ampliação na sua produtividade.

- **Mudanças na Lei de Imigração**

As pequenas e médias empresas japoneses em meados da década de 80 estavam à procura de mão de obra não qualificada, devido a uma recusa por parte da população mais jovem. Que nessa época estava deixando de lado os serviços monofuncionais em busca de um mercado de trabalho mais especializado.

Muitos desses japoneses, estavam à procura de serviços em suas áreas de formação. Como nessas pequenas empresas não havia perspectiva de carreira ou ascensão profissional, os japoneses – sobretudo os mais jovens, formados, que ingressavam no mercado de trabalho- recusavam-se a trabalhar nelas, por não considerarem oportunidades, alternativas viáveis, preferindo as maiores, mais competitivas. (SASAKI,2000, p.98)

Neste sentido, muitas empresas fizeram pressão no governo japonês para que houvesse mudanças nas leis de imigração do país. A qual era muito rígida em relação a entrada de estrangeiros, o que acabava gerando um grande o número de trabalhadores ilegais no Japão, sendo muitos oriundos de países do sudeste asiático.

Na época, os imigrantes coreanos, chineses, filipinos e outros asiáticos já estavam trabalhando no Japão, "atraídos pelo desenvolvimento econômico em processo no país (KOJIMA, p.76). Com todos esses imigrantes ilegais no país,o governo japonês decidiu reformular a Lei de Controle de Imigração vigente, para uma que pudesse controlar a entrada desses imigrantes ilegais, mas que deixasse que estrangeiros tivessem a possibilidade de trabalhar no país.

De acordo com a nova lei, o governo criou alguns *status* para a permanência sem restrição para algumas categorias, que eram: residentes em caráter permanente especial (*tokubetsueijûsha*), residentes por longo período (*teijûsha*), cônjuges e filhos de residentes em caráter permanente (*eijûsha no haigûsha nado*) e cônjuges e filhos de japoneses (*ninhonjin no haigûsha nado*).

Com essas mudanças, alguns *status* dessa nova lei de imigração abriram brechas para que os descendentes de japoneses pudessem entrar no país de forma legal. "Residentes por longo período" e "Cônjuges e filhos de japoneses" permitiram, na prática, a entrada de japoneses, que se utilizavam da desculpa de visita aos parentes no Japão. O *status* "Residentes por longo período" (*teijûsha*) garantia permanência de três anos para os comprovadamente descendentes de japoneses. (*KOJIMA*,

p.80).

A partir dessas brechas encontradas pelo *Dekasseguis*, pode-se se notar um aumento no volume do fluxo migratório desses descendentes para Japão, sendo que entre os países da América latina, o Brasil possuía o maior número de imigrantes legais no país. De acordo com a Tabela 2, é possível notar esse contingente de brasileiros no Japão.

Tabela 2 – População da América Latina documentada no Japão (1985-2004)[3]

Ano/País	Argentina	Bolívia	Brasil	Paraguai	Peru	Total
1985	328	128	1.955	110	553	850.612
1990	2.656	496	56.429	672	10.279	1.075.317
1995	2.910	2.765	176.440	1.176	36.269	1.362.371
2000	3.072	3.915	254.394	1.678	46.171	1.686.444
2004	3.739	5.655	286.557	2.152	55.750	1.973.747

Fonte: Ministério da Justiça (1986-2005) (grifos nossos). Elaboração Própria.

A lei de controle de imigração entrou em vigor no mês de junho de 1990, oque aumentou a concentração de trabalhadores *Dekasseguis* no Japão, dando maior destaque para os Brasileiros. Aliado as transformações nas relações de trabalho que possibilitaram a criação de "trabalhos temporários" e escassez de mão de obra não qualificada.

Essa carência de mão de obra não qualificada estava ligada ao ramo industrial, dando mais destaque para produção e construção. Na área industrial de produção, principalmente nas produções automobilísticas e eletrônicas, após o Acordo de Plaza assinado em 1985, a subida do iene exigiu alta competitividade desses produtos no exterior (KOJIMA, 2009, p.77)

Então, o Japão da década de 80 em diante, com todos esses acontecimentos que estavam em curso no país, acabou se tornando viável para esses brasileiros, visto a uma demanda por mão de obra, alta do iene, exigindo competitividade, reformulação da lei de controle do imigrante e mudanças nas relações de trabalho, possibilitando a entrada de *Dekasseguis*.

Brasil em 1990

- **1990–Plano Collor**

Para darmos início é necessário fazer um questionamento sobre a década de 1990, o que foi o Plano Collor? Quais foram as medidas adotadas? Quais foram as suas consequências? O início dos anos 90, vinha com algumas incertezas, pois haviam índices altíssimos de inflação, elevadas taxas de desemprego, aumento da desigualdade econômica e social obtidas pelas décadas anteriores.

O Plano que teve o nome do então presidente eleito, buscava conter esse aumento da inflação. Para isso, em seu primeiro mandato, optou pelo "bloqueio de liquidez", fazendo com que o dinheiro que não estava em circulação, pudesse ser apreendido pelo governo para um ajuste fiscal.

O plano Collor era contemplado por medidas de bloqueio de liquidez, ou seja, todo dinheiro que não estava em circulação, localizado nos bancos seria apreendido com a condição de que seria devolvido após 18 meses – dos quais seriam submetidos em parcelas durante 12 meses convertidos de Cruzados Novos para Cruzeiros. (SANTOS; SERTORI, 2017)

Além do cenário de privatização das empresas estatais, outras ações previstas no primeiro plano econômico do então presidente foram: redução dos salários reais e o impedimento à obtenção de crédito; o bloqueio de liquidez financeira dos brasileiros. O entrave na liquidez consistiu na retenção de todo dinheiro que se encontrava armazenado nas poupanças, impactando negativamente o mercado através do aumento nos índices de desemprego. (SINGER,1990)

Com este cenário no Brasil, muitos brasileiros acabaram optando por sair do país, considerado como lugar das "importunidades", onde não havia esperança de permanecer. Assim optaram por sair para um lugar que oferecesse essa "oportunidade" de manutenção do status social e obtenção de empregos.

Para fins estatísticos, demonstro através da Tabela 3, é demonstrado a taxa de inflação que o plano Collor herdou. Na tabela 4, é demonstrado a evolução de brasileiros no Japão a partir dos anos de 1985 até 2000, mas dando ênfase no período de 1990 até 1992 que foi o período em que o "Plano Collor" foi posto em prática, demonstrando que a saída dos *Dekasseguis* para o Japão nesse recorte temporal foi muito significativa. Na tabela No Gráfico 2, é mostrado a taxa de desemprego de 1990 a 1994, dando uma visão mais clara sobre as perspectivas do país em relação a escassez de emprego.

Tabela 3 - Taxa anual de inflação (1970 - 1989)

Ano	%	Ano	%	Ano	%
1970	19,3	1977	38,8	1984	223,8
1971	19,5	1978	40,8	1985	235,1
1972	15,8	1979	77,2	1986	65,0
1973	15,5	1980	110,2	1987	415,8
1974	34,6	1981	95,1	1988	1037,6
1975	29,4	1982	99,7	1989	1782,9
1976	46,2	1983	211,0	*****	*****

Fonte: IGP/FGV (Índice de preços - Fundação Getúlio Vargas).

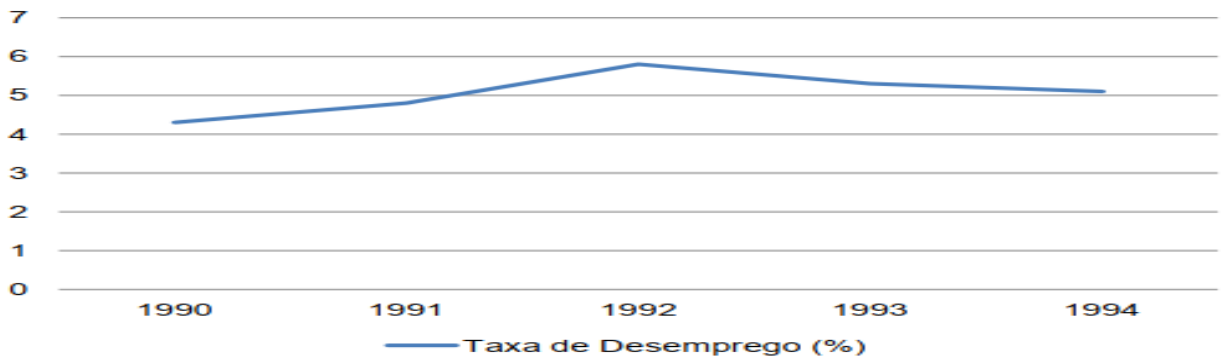
Elaboração própria

Tabela 4 – Evolução da População Brasileira no Japão (1985-2010)[4]

Ano	Número de brasileiros no Japão
1985	2000
1986	2135
1987	2250
1988	4159
1989	14.528
1990	56.429
1991	119.333
1992	147.803
1993	154.650
1994	159.619
1995	176.440
1996	201.795
1997	233.254
1998	222.217
1999	224.299
2000	254.394

Fonte: Departamento de Imigração, Ministério da Justiça do Japão. Elaboração própria.

Gráfico 2 - Taxa de desemprego aberto de 1990 a 1994 (%)[5]



Fonte: Banco Central – FGV. Elaborado por Santos &Sertori.

De acordo com o contexto apresentado, podemos elencar as causas que motivaram os *Dekasseguis* a saírem do Brasil e irem para o Japão. Dentre os motivos que vimos no Brasil, os três principais foram: alta taxa de desemprego, inflação ascendente e o "bloqueio de liquidez".

Sendo este último, como o fator principal que fez que o número de *dekasseguis* no Japão no período de 90 a 92 triplicasse. Nesse período foi quando a Lei de Controlede Imigração no Japão entrou em vigor. Essa coincidência é interessante, pois, do lado brasileiro, o Plano Collor foi o marco histórico do movimento decasségui, dando grande ímpeto aos fatores de repulsão.

Já em relação aos fatores que atraíram os descendentes foram: reformulação da lei de controle de imigração e do trabalho temporário e alta do iene. Dando aos *dekasseguis* uma ótima oportunidade de alcançarem seus objetivos financeiros, culturais e pessoais. Nesse contexto, em termos de microeconomia, a emigração dos brasileiros para o Japão surgiu na análise da relação custo x benefício.

De um lado, o alto iene em 1985 criou uma grande diferença salarial entre o Brasil e o Japão, causando boa impressão aos trabalhadores decasségui. Por outro, as diminuições das restrições para empresas aéreas causaram uma concorrência pelos preços da passagem aérea, baixando o custo da viagem entre os dois países (KOJIMA, p.79).

---

[5]Tabela retirada do trabalho de Santos&Sertori (2017)

[4]Retirado do trabalho de Maria Julia Konigame (2009)

A partir destas mudanças ocorridas da na década de 90, a imigração de descendentes para o Japão continuou a crescer, devido à desvalorização da moeda brasileira em relação ao iene, qualidade de vida, segurança, salários melhores e cultura.

3 DEKASSEGUIS DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL NIKKEI

3.1 Breve Histórico da Associação Cultural Nikkei de Varginha

As entrevistas realizadas são de caráter qualitativo, visando obter através de relatos as experiências no Japão dos *ex-dekasseguis* e de fundadores da ACNV na constituição da mesma. Assim, será feita uma divisão em: histórico da associação e relatos dos dekasseguis associados.

A associação cultural Nikkei teve seu início em 2014 no município de Varginha, Sul de Minas Gerais. Porém, antes mesmo dessa ideia ter se concretizado, no município tem-se a notícia da chegada de uma “empresa de caldeiras”, conhecida por CBC. Que iniciou as atividades em 1955, e logo em seguida foi comprada pela MITSUBISHI. Foi a primeira experiência de japoneses na cidade, onde a própria empresa trazia engenheiros do Japão para trabalharem nesta fábrica. De acordo com (CBC, 2016),

> [...]CBC Indústrias Pesadas S.A., inicialmente denominada "Companhia Brasileira de Caldeiras" e "Companhia Brasileira de Caldeiras e Equipamentos Pesados", respectivamente, foi fundada em setembro de 1955, no município de Varginha, sul do Estado de Minas Gerais, com a participação do grupo alemão Von Thyssen. Em 1963, o grupo MITSUBISHI, do Japão, compreendendo: Mitsubishi Heavy Industries, Mitsubishi Corporation e Mitsubishi Electric Corporation, adquiriu o controle acionário da sociedade.

Sendo que em instalações da própria empresa eram realizados momentos de recreação, e eram feitas algumas atividades culturais relacionadas a cultura japonesa. A CBC foi a primeira porta de entrada de japoneses (engenheiros). CBC (companhia brasileira de caldeiras) trouxeram os engenheiros japoneses para Varginha. CBC era muito respeitada na cidade, trazendo a cultura japonesa para Varginha. (AKIO, 2019)

Assim, durante 16 anos, a CBC permaneceu em Varginha, sendo uma ponte para a cidade e para os japoneses que vieram à trabalho, criando uma relação com o município e os descendentes que aqui residiam. Em 1991, a empresa fecha sede no município Varginha e se muda para atual sede em Jundiaí – SP, que foi criada em 1976 (CBC, 2016)

Após a CBC ter fechado as portas, é que João amigo de José, se encontram e discutem a ideia da criação de uma associação que promovesse a cultura japonesa na cidade, criando um laço com a comunidade local, que havia sido perdida pela saída da antiga empresa de caldeiras.

Como disse um dos membros da associação e fundador, RICARDO (2019) fala que, “a ideia da associação era resgatar um passado que Varginha teve em relação a comunidade japonesa”. Com nisso decidiram realizar uma reunião com mais outros amigos e se encontraram em um restaurante Japonês da cidade para concretizarem a formação dessa associação.De acordo com Ricardo (2019),

> [...] Akio é meu amigo de infância, e sempre fui muito próximo dele. E sempre tínhamos a conversa da formação da associação. Até que me encontrei com Antônio diretor da LAFARGE, e o mesmo conhecia os demais, que viriam ser os fundadores da associação. No caso eram Danilo e Sérgio. Cheguei para eles e deia ideia, e nisso eles fizemos uma reunião em um restaurante japonês na cidade de Varginha para formatar a associação. Sérgio e Danilo eram os membros que possuíam mais experiência em termos de direção de associações Nikkei. Sérgio faz parte da maior associação de São Paulo ligada a cultura japonesa, que é a Associação Okinawa. Mesmo morando em Varginha, permanece frequentando.

Após todas essas movimentações por parte dessas pessoas, é que em 2014 foi concretizada a associação, e que possui objetivos culturais e sociais. Segundo ACNV (2014),

> [...]cultivar a mais ampla e perfeita cordialidade entre as Associações; promover o intercâmbio, aproximação cultural e o estreitamento dos laços de amizade entre o Brasil e o Japão; promover atividades culturais, sociais, assistenciais, esportivas, educacionais e recreativas.

3.2 Relatos dos Dekasseguis Associados

- **Aspectos Econômicos**

As entrevistas realizadas foram feitas com dois integrantes da associação cultural nikkei, devido ao pequeno contingente de *ex-dekasseguis* que estão na associação, e também, por haver duas visões diferentes, de um homem e uma mulher. Podendo assim, dar amplas possibilidades à cerca de suas experiências no lugar, mostrando como foi sua ida e volta ao Japão.

Antes de iniciar os relatos é importante especificar quando dos dois entrevistados foram para o Japão. O primeiro entrevistado Akio, foi para o Japão em dezembro de 1994 e permaneceu por 10 anos lá, possui pai japonês e mãe com descendência alemã.

Já a segunda entrevistada Flávia, foi para o Japão duas vezes a primeira em outubro de 1994 com seu pai e permaneceu por algumas semanas. No fim do segundo ano do ensino médio ela partiu para o Japão sozinha, que foi em novembro de 1994.As questões levantadas pelos entrevistados são muito importantes para entender qual eram os objetivos traçados por estes *ex-dekasseguis* da associação.

Ambos buscaram na ida ao Japão uma forma de adquirir algum dinheiro, conhecimento cultural e voltar para o Brasil para montar seu próprio negócio, ter uma vida mais confortável.Pois na época em que foram, o país estava sofrendo uma grave crise política e econômica. Assim, de acordo com Akio (2019),

> [...] nunca pensei em ser um *dekassegui*, pois queria ir apenas para visitar, porém ao iniciar a faculdade acabaram aparecendo algumas dificuldades financeiras, e resolvi ir para o Japão para trabalhar, mas não somente para isso, e sim para aprender a língua, a cultura.

Outro fato que ocorria em relação a economia do país, era que no Japão havia uma estabilidade na inflação, não tendo variação no preço dos produtos consumidos pela população. Dando uma tranquilidade em relação ao cotidiano dos japoneses.

Para quem estava em um país onde não se tinha garantia dos preços dos produtos do mercado, não sabendo se poderia ou não comprar determinada coisa naquele dia vide uma inflação variante, o Japão se tornou um lugar que pudesse atender aos desejos desses imigrantes. De acordo com Flávia (2019),

> [...]não havia uma inflação tão variável quanto no Brasil, eu comprava as coisas do mês com aquele dinheiro contado e nunca precisei aumentar ou diminuir. Se você chegasse com aquele dinheiro para comprar não tinha erro, os preços não variavam.

Os trabalhos exercidos por estes *dekasseguis* eram sempre em pequenas e médias empresas, que eram filiais de grandes empresas, nas palavras de Akio(2019), “Morei em Suzuka, trabalhava em uma fábrica de produtos eletrônicos que era uma fábrica que vendia peças para Honda”. Nas palavras de Flávia (2019),

> [...]quando fui pela primeira vez trabalhei em uma fábrica de rendas, e quando fui para tiba trabalhei em uma fábrica de alimentos. E de tiba após o pagamento da empreiteira, eu me mudei para Nagano. E trabalhei em Nagano, numa fábrica que fabricava vara de pesca, em outra que mexia com linha de montagem de aspirador de pó, e a última era de componente eletrônico.

É notável que os trabalhos empenhados pelos *Dekasseguis* entrevistados não eram fixos, e muitas das vezes eram de acordo com a sua produção. Onde as empreiteiras eram acionadas caso os mesmos quisessem mudar de trabalho, e sempre eram para empresas que tinha vínculo com a qual já trabalhava. Como disse Flávia (2019),

> [...] o fato de mudar de emprego em uma mesma cidade se dava devido as escolhas dos próprios funcionários. No caso eu estava insatisfeita com determinado trabalho, e sem hora extra. Com isso os próprios dirigentes indicavam esse funcionário para outra firma. Então você não ficava parado, e muito dos empregos eram tidos pela confiança no seu desempenho dentro das firmas, sendo um funcionário exemplar, havia sempre emprego.

Haviam dormitórios dentro das firmas, onde era pago um valor simbólico para que permanecessem. De acordo com Flávia (2019),

> [...] em Shiga morei dentro da firma e Chiba também, parecendo um internato, onde havia regras em relação ao funcionamento desse dormitório. E com o passar do tempo, eu me mudei para um apartamento. Pagando apenas um valor simbólico para permanecer dentro deste dormitório. E sendo menor de idade eu era única que trabalhava de manhã e meus amigos brasileiros trabalhavam a noite, havendo dificuldade para vê-los.

Os *dekasseguis* aqui entrevistados, possuíam a vontade de permanência no Japão apenas por curto prazo, não pretendendo estender sua estadia no país, assim muitos destes descendentes viam o Japão como uma oportunidade de ganhar dinheiro, adquirir experiência no trabalho exercido e voltar para cá para poder ter sua própria empresa e poder ter uma vida mais confortável. No caso de Akio(2019), ele diz que “Tenho uma empresa de vedação e manutenção industrial, e muita das coisas que tenho aqui hoje são graças aos conhecimentos adquiridos no Japão em meu período de estadia”.

- **Aspectos Sociais**

Dando início pela relação com a comunidade japonesa, os entrevistados afirmaram que haviam alguns problemas no relacionamento com outros japoneses, principalmente no modo como os japoneses viam os *dekasseguis*.Havendo um grande conflito entre eles, pois os japoneses segundo os relatos eram muito tradicionalistas. E não havia muita vontade por parte deles de se relacionarem com os descendentes.De acordo com Flávia (2019),

> [...] eu enquanto dekassegui, de início não senti tanta diferença no início, pois me sentia muito preocupada com o serviço e preocupada em me virar. Porém, existiam algumas dificuldades em relação a aproximação de determinados japoneses, encontrei muita dificuldade. Tendo apenas contato profissional, e sendo que em determinadas horas eu via que recebia olhares diferentes por determinados colegas de trabalho. Não havia muita disposição por parte dos japoneses em querer se comunicar com os estrangeiros, e a língua era um grande entrave nesse relacionamento. Tendo uma vida muito sozinha, que era apenas trabalho.

Nas palavras de Akio (2019), “ Enquanto estava lá, eu respeitava as normas e costumes japoneses, não havendo tanta discriminação. Porém, caso eu fizesse coisas fora deste padrão, era taxado de brasileiro”. Outro fator que era muito escancarado por parte dos japoneses, era com relação ao pré-conceito. Que a princípio poderia não ser tão notado, mas com o passar do tempo foram sendo percebido pelos entrevistados, sempre vendo os brasileiros muitas das vezes com maus olhos.Como disse Flávia (2019),

> [...]ficavam excluindo os brasileiros de determinados assuntos, pensando que os brasileiros e estrangeiros não os entendia. Escutando determinadas palavras que não eram agradáveis para eles. Outro exemplo era em relação as discussões entre japoneses e brasileiros, onde um xingava em sua língua nativa e o outro retrucava em sua língua nativa também, ficando por isso mesmo. Preconceito era vindo mais por parte da geração mais velha, os mais novos eram mais abertos para os estrangeiros.

No outro relato de João, o sentido de desconhecimento por parte dos japoneses era bem notável, que para eles segundo Akio (2019),

> [...] os Japoneses viam os *dekasseguis* vindos de um país de terceiro mundo, e os mesmos tratavam o Brasil como um país de animais exóticos, dizendo que tinha cobras, jacarés andando na rua, fato que hoje eles já não possuem a mesma visão. Na própria televisão japonesa a imagem do Brasil estava sempre relacionada aos animais, era mostrado imagens de florestas, animais e afins, dando a entender que no Brasil era uma grande selva. E até imagens atreladas a crime e corrupção, "eles acham que o Brasil é um país atrasado".

A última questão ligada aos quesitos sociais, é a relação estabelecida no Japão, através de redes entre *dekasseguis* e até mesmo parentes que ainda moram lá. Nesse ponto, é perceptível, que a ida ao Japão, apesar de todos estes problemas relacionados ao cotidiano os entrevistados ainda possuem uma rede de amizades e até mesmo de parentes que ainda vivem no Japão.

De acordo com Akio (2019) "Possuo diversos amigos e parentes ainda no Japão (brasileiros e japoneses) que mantenho vínculo.Muitos estão deixando de ser *dekasseguis* e se tornando japoneses, através do visto. Filhos estudando em escolas japonesas".E segundo Flávia(2019) "Tenho uma tia lá também, mas que nunca veio para o Brasil"

- **Aspectos Culturais e de Identidade**

Com relação adaptação cultural, é notável que existem alguns problemas ligados a língua e costumes, mas ao mesmo tempo, existia uma facilidade na adaptação da comida devido a essa globalização dos lugares, onde mesmo estando em terreno estrangeiro, poderia ser encontrado comidas do seu país e de outros países que não eram asiáticos.Assim, de acordo com Flávia (2019),

> [...] minha adaptação foi tranquila, porque existem muitas coisas que já não são tão tradicionais, pois o próprio país já sofreu uma forte intervenção americana e de demais culturas. Havia muitos restaurantes italianos, americanos, fastfood e afins. Então meu processo de adaptação foi tranquilo, pois cozinhava e almoçava no refeitório da firma, e costumava comer em casa.

A língua era outro fator crucial para uma adaptação a cultura local. Sendo relatados diversos fatores positivos e contrários. Flávia (2019) disse que,

> [...] a língua também me ajudou muito na obtenção do emprego. Eu já possuía um conhecimento da língua, devido ao parentesco. Em minha casa, minha avó não falava português. Fui criada dentro da cultura dentro de casa mesmo. Porém era um japonês mais arcaico, não muito atual. Eu também enfrentei um pouco de dificuldade com relação a língua, mas nada que pudesse me atrapalhar na rotina. Sendo que a comunidade nipo-brasileira é muito grande no Japão. Há Cidades que tem muito brasileiros.

As questões ligadas a formação de uma identidade são muito comentadas, pois em solo japonês, mesmo com todos os traços sanguíneos e genéticos, os descendentes eram vistos como estrangeiros, no Brasil isso era o contrário. Pois os mesmos eram considerados "japoneses", havendo um enorme problema em relação a essa formação de identidade.De acordo com Flávia (2019),

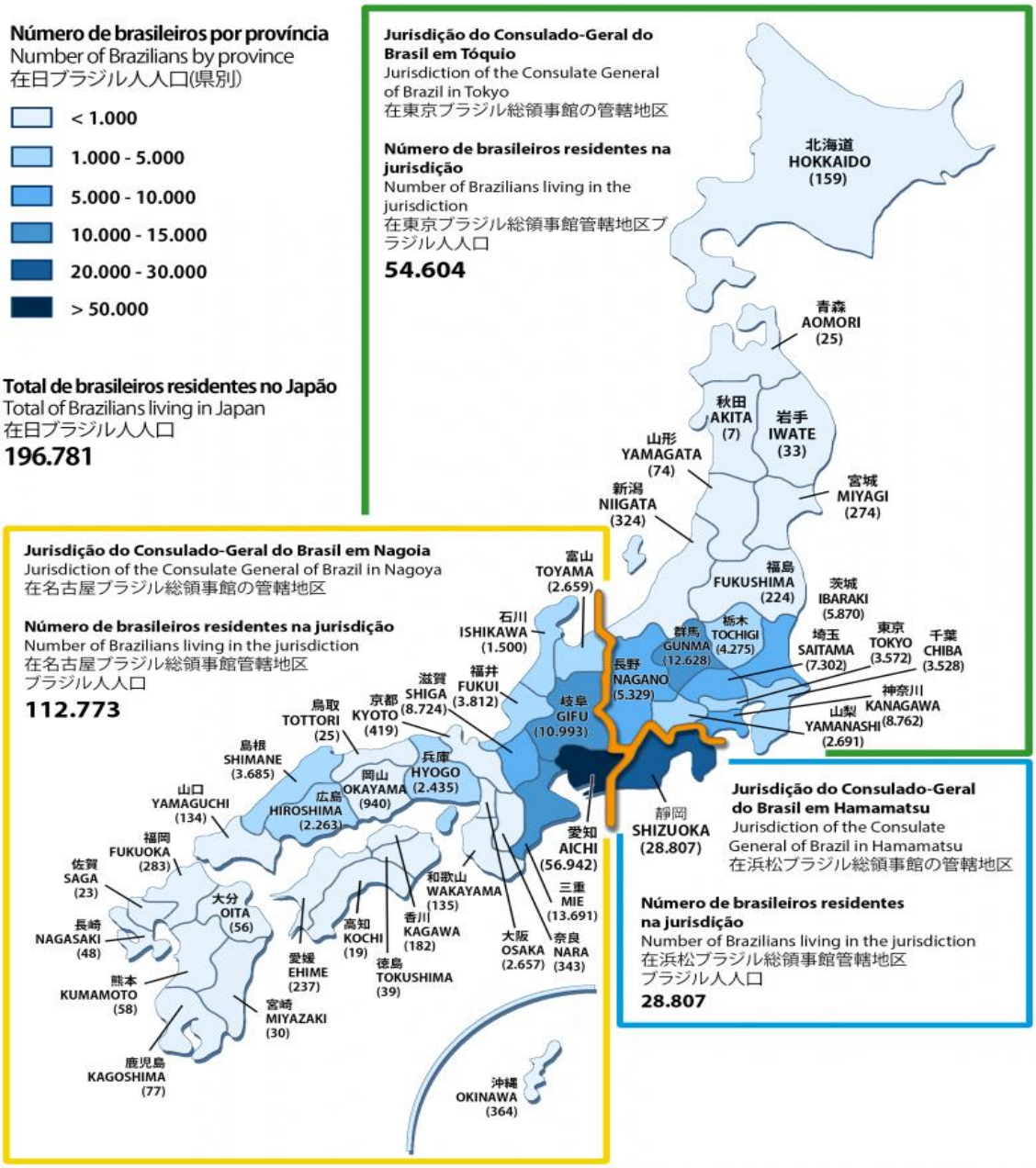
> [...] mesmoeu tendo uma descendência japonesa, não me sentia na minha terra. Eu não tinha um vínculo tão forte com o Japão, mesmo sendo nascida e criada dentro da cultura. O lugar (Japão) para mim não fazia muito sentido, era visto apenas como um local de visita e lembranças familiares.Eu não via o Japão como seu país de origem, não me sentia pertencente aquele lugar.Eu era sempre vista como brasileira pelos japoneses, nunca como uma japonesa. Eu como descendente acabava ficando "sem país", não tendo um lugar que me represente. Gerando toda essa confusão.

No caso de Akio, era igual ao de Flávia, segundo ele, "No Japão eu era considerado brasileiro, já no Brasil sou considerado japonês. Eu tinhauma sensação do lugar (Japão) meio contraditória. Não me sentia pertencente ao lugar". É uma questão muito complexa, pois mesmo esses imigrantes indo para a terra dos seus ancestrais, e tendo um vínculo e um desejo muito forte de se sentirem parte daquele lugar, eles se viam como estrangeiros, tanto no Brasil como no Japão, gerando essa crise de identidade que é vista pelos relatos.

- **Distribuição populacional de brasileiros no Japão (2018)**

Para fins de esclarecimento sobre a distribuição populacional de brasileiros no Japão, trago um mapa de 2018, mostrando por província onde esses imigrantes estão em maior número.

Mapa 1 – Número de brasileiros por província



Fonte:ITAMARATY- Ministério das relações exteriores (Consulado-Geral do Brasil em Tóquio), jun/2018.

É interessante salientar, que a concentração de brasileiros por província na região sudeste, está ligado as questões de desenvolvimento econômico dessa parte do Japão, sendo que essas mesmas regiões ainda são as mesmas que foram frequentadas pelos trabalhadores que foram denominados como *Dekasseguis*, no Japão antigo.

Outro fator, é que nessas regiões existem muitas comunidades de brasileiros, facilitando a adaptação dos que vem pela primeira vez, podendo se comunicar através de redes. Também existe a questão de haver uma região com pólo industrial e tecnológico, ao redor da capital Tóquio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As migrações partem de uma vontade na melhora da sua condição econômica vivida no seu lugar de origem. Muitas das vezes nem sempre essa mudança é fácil, o que leva aos imigrantes a passarem por inúmeros casos de pré-conceitos ligados à sua cultura, e ao mesmo tempo esse lugar onde eles estão estabelecidos os faz refletir a sua identidade enquanto imigrantes e a sua noção de pertencimento ao lugar.

O movimento *Dekassegui* teve seu início no final da ditadura militar que estava passando para um estado democrático. Quando foi estabelecida a constituição de 1988, em sua primeira eleição para presidente, elegeu um governo que visava medidas radicais em relação a contenção de uma inflação herdada das décadas passadas. O que fez com que o fluxo de descendentes de japoneses tivesse um aumento exorbitante durante do governo Collor, sendo o marco deste movimento.

Sendo que muitos desses imigrantes eram pessoas que pertenciam a classe média, e estavam em busca de uma manutenção do status social. O plano imposto na década de 90 foi um fator crucial para que eles saíssem do país em busca de emprego. Pois, o governo não conseguiu conter a crescente crise inflacionária, e acabou optando pelo “bloqueio de liquidez”, mais conhecido pelo confisco das poupanças. O que gerou altas taxas de desemprego no período Collor, tornando o país inviável para essa parte da população, denominando o Brasil como o lugar das “importunidades”.

O Japão nos meados da década de 1980 passava por um boom econômico, com empresas necessitando de mão de obra, valorização de sua moeda, mudanças nas relações de trabalho e mudanças na lei de imigração do país, que favoreceu a entrada dos descendentes de japoneses. Além desses fatores havia em processo no Japão um aumento do nível de escolaridade da população, consequentemente, aqueles trabalhos taxados desgastantes, foram deixados para os imigrantes que partiram para o país.

A migração para o lugar das oportunidades, exigiu dos *dekasseguis* uma forte necessidade de adaptação tanto aos meios de produção, quanto a cultura. Onde, havia necessidade do preenchimento de uma mão de obra não qualificada, pois o esse “lugar”, passava por uma internacionalização de sua economia. Dando as relações de trabalho uma nova forma de lidar com os empregados, que antes eram vistos como parte da empresa, e nesta reformulação já não tinham as mesmas condições.

Esse lugar das oportunidades foi visto por parte dos *dekasseguis* entrevistados como uma aproximação cultural a princípio, mas também como uma forma de obter salários melhores e poder trazer algo de lá para poderem se estabelecer no Brasil após essa recessão enfrentada na década de 90.

Essa vontade por parte dos imigrantes foi ao mesmo tempo, necessária e corajosa. Pois estavam em um país que passou por muitos anos sem representatividade democrática, sendo que em sua primeira experiência após anos sem presidente, continuou sem esperanças. Fazendo com que esse movimento se tornasse necessário para que pudessem ter alguma oportunidade de melhora.

Ao mesmo tempo, foi uma ação muito corajosa. Porque estavam indo para um país onde somente conheciam por histórias de seus ancestrais, que vieram de lá no início do século XX. Também ao enfrentar as condições de trabalho, que eram vistos como um trabalho extremamente desgastante, sem muitas garantias. Mas que para eles era uma chance de ganhar mais e poder construir uma vida melhor quando voltassem.

A criação de uma associação cultural Nikkei, ao meu ver, foi uma forma que eles encontraram para que não perdessem os laços com a sua ancestralidade. Pois, a partir das experiências que tiveram no Japão ela veio como uma forma de sanar esse problema na formação da identidade, que acabou sendo muito questionada pelos mesmos. Mas também, essa associação vem como forma de valorizar a cultura de seus antepassados, sendo uma forma de preservar a cultura japonesa e valorizar tudo aquilo que os primeiros japoneses passaram ao vir para o Brasil.

De forma geral, conclusiva e questionadora, o movimento *dekassegui* para o lugar das oportunidades é influenciado pela conjuntura econômica global e local, que interferiram diretamente nas ações dos descendentes ao optarem por migrar para o Japão, visando melhoras nas condições de vidas as custas de um trabalho extremamente desgastante, sem muitas garantias trabalhistas e expostos ao pré-conceito por parte da comunidade local. Assim, cabe um questionamento, até que ponto podemos considerar esse lugar como oportunidade?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO CULTURAL NIKKEI DE VARGINHA. **Estatuto da Associação Nikkei de Varginha**. p.1-16, set.2014.

CARLOS, A.F.A. **O lugar no/do mundo.** São Paulo:FFLCH, 2007, 85p.

COMPANHIA BRASILEIRA DE CALDEIRAS. **História da CBC S.A**. Jundiaí – SP, 2016. Disponível em: <https://www.cbcsa.com.br/pt-br/historia-da-cbc> Acesso em: 3 de outubro de 2019.

FERREIRA, Luiz. Iluminando o lugar: três abordagens (Relph, Buttmier e Harvey). **Boletim Goiano de Geografia,** Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais/Geografia, v.22 – nº 1- jan/ Jun. 2002.

KOJIMA, Lina. **Migração repetitiva entre o Brasil e o Japão.** Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, 2009.

KONIGAME, M.J. **O local e o global na comunidade nipo-brasileira:** Um exercício sociológico sob o prisma dos jovens na cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia,

LEVY, M.S.F. **O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 a 1972).** Rev. Saúde pública, S. Paulo, 8(supl.):49-90, 1974.

OLIVEIRA et al. **Instituições e desenvolvimento no Japão:** modelo de capitalismo, trajetória pós 1990, desafios atuais. Revista de Sociologia e Política, v.24, n. 60, p. 3-28, dez. 2016.

RESSTEL, Cizina. **Desamparo psíquico nos filhos de *Dekasseguis* no Retorno ao Brasil.** 365 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, 2014.

RODRIGUES, Kelly. **O conceito de lugar:** aaproximação da geografia com oindivíduo. Encontro nacional da ANPEGE, n.11, 2015, Presidente Prudente – SP. **Anais do XI – ANPEGE,** Presidente prudente: ANPEGE, 2015. P.5036-5047.

RUIVO, Pedro. **A imigração:** uma visão geral, Coimbra, p.1-20, jan.2006.

SANTOS, A; SERTORI, B. **Inflação na era Collor:** fatores geradores e desdobramentos. – Limeira, SP: [s.n.], 2017. Universidade Estadual de Campinas Biblioteca da Faculdade de Ciências Aplicas. Renata Euleterio da Silva – CRB 9/9281.

SÃO PAULO (Estado). **Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo:** História da Imigração Japonesa no Brasil. São Paulo, 10 jan. 2018.

SASAKI, E.M. **Dekasseguis:** trabalhadores migrantes Nipo-Brasileiros no Japão, TEXTOS NEPO 39. Campinas: UNICAMP, Núcleo de Estudos de População, 2000.SHOJI, Nijishima. **Políticas industriais japonesas.** Rev. Tempo do Mundo, 4 (3): 75-96 dez.2012.

SPOSITO, Eliseu et al. **Geografia e Migração:** movimentos, territórios e territorialidades. 1. Ed. São Paulo: Editora Expressão popular, 2010.

_____. Lugar, sonhos e migração: **uma leitura dos movimentos migratórios entre Japão e Brasil**, São Paulo, v. 1, n.1, p.37-57, jul.2010.

_____. Identidade e Paisagem: **o enraizamento dos dekasseguis do Brasil no Japão**, São Paulo, v.1, n.1, p. 217 – 234, jul.2010.

WANATABE, Paulo. **A reinserção internacional do Japão no pós-guerra mundial**. [S.I; 20-?]

ANEXO A – ENTREVISTA REALIZADA COM AKIO

Entrevista realizada no dia 30 de julho de 2019 com Akio Nishikawa em Varginha (João – nome fictício).

Akio possui pai japonês e mãe com descendência alemã

Ano que viajou: 94 viajou em dezembro

Tempo de permanência: 10 anos

Voltou em 2004

Enquanto dekasseguí¿ O que sentiu¿

- Sempre gostei da cultura japonesa, desde pequeno. Tinha um laço familiar através de parentesco e sociedades ligadas a própria cultura. Nunca pensei em ser um dekassegui, pois queria ir apenas para visitar, porém ao iniciar a faculdade surgiram algumas dificuldades financeiras, e resolveu ir para o Japão à trabalho, mas não somente para isso, e sim para aprender a língua, a cultura. Em minhas horas de folga convivia com japoneses.

O mesmo disse que estando em meio aos japoneses, conseguia aprender mais, e estando ao lado dos brasileiros, não era tão vantajoso pela questão da língua. Japoneses viam os dekasseguis vindos de um país de terceiro mundo, e segundo Akio os mesmos tratavam o Brasil como um país de animais exóticos, dizendo que tinha cobras, jacarés andando na rua, fato que hoje eles já não possuem a mesma visão.

Na própria televisão japonesa a imagem do Brasil estava sempre relacionada aos animais, era mostrado imagens de florestas, animais e afins, dando a entender que no Brasil era uma grande selva. E até imagens atreladas a crime e corrupção, e segundo Akio "eles acham que o Brasil é um país atrasado".

Akio também citou a sua forma de lidar com a cultura, dizendo que enquanto estava lá, ele respeitava as normas e costumes japoneses, não havendo tanta discriminação. Porém, caso fizessem coisas fora deste padrão, eram taxados de brasileiros.

- Voltaria ao japão¿

Voltaria sem problemas, caso não tivesse empregos no Brasil e possui vontade de visitar pelo menos.

- Possui empresa de vedação e manutenção industrial, muita das coisas que tem aqui hoje são graças aos conhecimentos adquiridos no Japão em seu período de estadia.

- Diferencial dos brasileiros no Japão era sua versatilidade;

- Morou em Suzuka, trabalhava em uma fábrica de produtos eletrônicos que fornecia peças para as mais diversas fábricas de produtos eletrônicos.

- Foi para o Japão fazendo Veterinária, sem ter domínio da Língua, sabia algo básico.

- Possui diversos amigos e parentes ainda no Japão (brasileiros e japoneses) que mantem vínculo.

- Muitos estão deixando de ser Dekasseguis e se tornando japoneses, através do visto. Filhos estudando em escolas japonesas;

- Na época em que foi ao Japão, o visto era de turista 3 meses, Sansei (3 geração) 1 ano, Nissei 3 anos;

- Diz que japoneses são bem tradicionais segundo Akio;

- Possui sonho de voltar caso pudesse;

- Havia discriminação moderada, segundo Akio;

Relação de Akio com a associação Nikkei de Varginha¿

- Quando voltou do Japão, ele reencontrou um velho amigo Ricardo Takkei, e propôs a ideia da formação de uma associação que tratasse da cultura japonesa. Depois de muita conversa, foi conversando com outras pessoas. Até que em uma reunião onde Akio não estava presente, amigos próximos que estavam com essa ideia resolveram montar a associação. No caso eram Nelson, Jorge, Ricardo e a partir disso foi até o que é hoje a associação. Foi formalizada em 2014.

- Pai de Akio veio em 1969.

- CBC foi a primeira porta de entrada de japoneses (engenheiros)

- Grande maioria dos associados são mais novos, e muitos já são mestiços.

- Akio é um dos membros fundadores, realizando eventos e ajudando em todos os sentidos

- A associação promove eventos pontuais ligados a cultura japonesa e calendário japonês, e promovem interação com a sociedade de varginha.

Relação dekassegui

-No Japão Akio disse que era considerado Brasileiro, já no Brasil ele é considerado Japonês. Deixando essa sensação do lugar sendo meio contraditória. Perdendo um pouco da identidade, não se sentido pertencente ao lugar.

Dekasseguis mais antigos já são japoneses e possuem casa própria

- CBC (Companhia Brasileira de Caldeiras) trouxeram os engenheiros japoneses para Varginha. CBC era muito respeitada na cidade, trazendo a cultura japonesa para Varginha.

(Assinatura do Entrevistado)

ANEXO B – ENTREVISTA REALIZADA COM FLÁVIA

Entrevista realizada no dia 2 de agosto de 2019 com Flávia Nomiyama (Nome fictício – Maria)

Foi para o Japão em 1993 em outubro e novembro, e já pra terminar o segundo ano do ensino médio.

Sua primeira ida para o japão foi junto ao seu pai, e permaneceu por alguns meses, e no fim do segundo do ensino médio ela partiu para o Japão sozinha.

Ficou na cidade de shiga" (depois olhar onde fica), uma cidade de interior em sua primeira ida para o país com seu pai. Já em sua segunda ida sozinha, ela ficou em Tiba cidade média, uma cidade próxima a Tóquio.

(empreiteiras) A firma que pagava a passagem para ela poder entrar no país para trabalhar 6 meses e após esses 6 meses trabalhados é que ela começa a ganhar um salário líquido.

Após esses 6 meses Flávia saiu, e foi para Nagano até ir embora em 2000 ela retornou.

Permaneceu por 7 anos no Japão

Quando foi pela primeira vez trabalhou em uma fábrica de rendas, e quando ela foi pra tiba trabalhou em uma fábrica de alimentos. E de tiba após o pagamento a empreiteira, ela se mudou para Nagano.

Nas duas primeiras firmas eles entravam direto como funcionário da firma, e em nagano eles utilizavam empreiteiras pra poder entrar em determinada firma.

Ela trabalhou em Nagano, numa fábrica que fabricava vara de pesca, em outra de mexia com linha de montagem de aspirador de pó, e a última era de componente eletrônico.

Flavia ainda relatou que o fato de mudar de emprego em uma mesma cidade se dava devido as escolhas dos próprios funcionários. No caso dela estava insatisfeita com determinado trabalho, e sem hora extra. Com isso os próprios dirigentes indicavam esse funcionário para outra firma. Então não ficava parado, e muito dos empregos eram tidos pela confiança no seu desempenho dentro das firmas, sendo um funcionário exemplar, havia sempre emprego.

A lingua também ajudava muito na obtenção do emprego. Flávia já possui um conhecimento da lingua, devido ao parentesco. Em sua casa, a avó não falava português. Sendo criada dentro da cultura dentro de casa mesmo. Porém era um japonês mais arcaico, não muito atual.

Ela também enfrentou um pouco de dificuldade com relação a lingua, mas nada que pudesse atrapalhar sua rotina. Sendo que citou sobre a comunidade nipo brasileira que é muito grande no Japão. Cidades que tem muito brasileiro.

No seu dia-dia se relacionava mais com japoneses dentro da fábrica, porém fora se relacionava com brasileiros. Mas não tinha muito tempo, pois a jornada de trabalho era muito intensa, chegando a a durar 12 horas para mais. Feriado ou Domingo fazia-se hora extra recebendo no dia, trabalhando direto sem parar.

Ganhava-se pelas horas trabalhadas. E segundo Flávia lá você é tido como um "estrangeiro". Sendo que há casos que estrangeiros subiram de cargo, mas é uma minoria.

Flavia enquanto dekassegui, de inicio não sentiu tanta diferença no inicio, pois se sentia muito preocupada com o serviço e preocupada em se virar. Porém, citou quem existiam algumas dificuldades em relação a aproximação de determinados japoneses, encontrando muita dificuldade. Tendo apenas contato profissional, e sendo que em determinadas horas ela via que recebia olhares diferentes pro determinados colegas de trabalho.

Ficavam excluindo os brasileiros de determinados assuntos, pensando que os brasileiros e estrangeiros não os entendia. Escutando determinadas palavras que não eram agradáveis para eles. Outro exemplo era em relação as discussões entre japoneses e brasileiros, onde um xingava em sua lingua nativa e o outro retrucava em sua lingua nativa tbm, ficando por isso mesmo.

Preconceito era vindo mais por parte da geração mais velha, segundo Flávia, os mais novos eram mais abertos para os estrageiros. E mesmo japoneses que vieram para o Brasil, ainda possuem um tradicionalismo em relação a sua cultura, que acabam sendo pré conceituosos com os próprios brasileiros residentes no Brasil.

Flávia disse que atualmente não voltaria para o Japão, apesar de possuir irmãos que residem no Japão e já possuem uma vida estável lá. Flavia disse que mesmo tendo uma descendência japonesa, não se sentia em sua terra. Não tendo um vinculo tão forte com o Japão, mesmo sendo nascida e criada dentro da cultura. O lugar (japão) para ela não fazia muito sentido, era visto apenas como um local de visita e lembranças familiares.

Outro ponto em que ela tocou foi na questão do mercado de trabalho, não tendo uma noção de mercado voltando para lá, e a própria readaptação com o mercado de lá seria muito custosa. E também outro fator é que a mesma possui uma filha, sendo muito dificil a adaptação tanto da ida quanto da volta.

Pontos positivo de morar no Japão é com questão da segurança, e não havendo uma inflação tão variavel quanto ao Brasil. Recebia um salario proporcional ao seu trabalho.

Flavia disse que era sempre vista como brasileira pelos japoneses, nunca como uma japonesa. Dizendo que ela como descendente acabava ficando "sem pais", não tendo um lugar que os represente. Gerando toda essa confusão.

Não havia muita disposição por parte dos japoneses em querer se comunicar com os estrangeiros, e a lingua era um grande entrave nesse relacionamento. Tendo uma vida muito sozinha, que era apenas trabalho. Flavia ainda disse que os Dekasseguis e demais estrangeiros eram os que mais trabalhavam,pq os japoneses não fazem hora extra, raramente. Sendo que o salário dos japoneses em relação aos dekasseguis eram menores.

O pai de Flavia nasceu o Japão, e veio para o Brasil com 15 anos de idade. Possui uma tia lá também, e nunca veio para o Brasil. E o pai nunca perdeu o sotaque.

Flavia disse que sua adaptação foi tranquila, porque existem muitas coisas que já não são tão tradicionais, pois o próprio pais já sofreu uma forte intervenção americana e de demais culturas. Com muitos restaurantes italianos, americanos, fast foods e afins. Então em seu processo de adaptação foi tranquila pois a mesma cozinhava e almoça no refeitório da firma, e costumava comer em casa.

Outro dado interessante era que os alojamentos eram dentro da própria firma. Shiga morou dentro da firma e Tiba também, parecendo um internato, onde havia regras em relação ao funcionamento desse dormitório. E com o passar do tempo, ela se mudou para um apartamento. Pagando apenas um valor simbólico para permanecer dentro deste dormitório. E sendo menor de idade era única de trabalhava de manhã e seus amigos brasileiros trabalhavam a noite, havendo dificuldade para vê-los.

Seu objetivo inicial era conhecer o país.

Atualmente vê o Brasil como seu país natal mesmo, não enfrentando tantas dificuldades em relação a sua moradia e laços. Segundo Flávia, a mesma não via o Japão como seu país de origem, não se sentindo pertencente aquele lugar.

Atualmente trabalha em uma padaria, dentro de uma linha de produção. Em uma padaria terceirizada que produz apenas para o trabalho chamada "bela padaria".

Em sua relação com a Associação Nikkei de Varginha, Flavia é muito participativa dentro da mesma. Sendo um dos membros, ajudando na organização de eventos, parcerias e demais atividades dentro da associação. São atividades sem fins lucrativos, vistos apenas como uma organização que quer promover a cultura japonesa dentro da cidade de Varginha.

Flavia M. Nomiyama

(assinatura do entrevistado)